

## FICHA TÉCNICA

Título: *The Spook's Curse*

Autor: *Joseph Delaney*

Copyright © 2005 Joseph Delaney

Edição original publicada por Random House Children's Books

Ilustração © David Wyatt

Edição portuguesa publicada por acordo com Random House Children's Publishers UK, uma divisão de The Random House Group Limited.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2007

Tradução: *Maria Georgina Segurado*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Julho, 2007

Depósito legal n.º 260 525/07

Reservados todos os direitos  
para Portugal à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

UM MISTÉRIO ENVOLVE  
O PONTO MAIS ELEVADO DO CONDADO.  
DIZEM QUE MORREU LÁ UM HOMEM  
DURANTE UMA GRANDE TEMPESTADE,  
ENQUANTO APRISIONAVA UM MAL  
QUE AMEAÇAVA O MUNDO INTEIRO.  
DEPOIS O GELO VOLTOU E, QUANDO  
DESAPARECEU, ATÉ AS FORMAS DAS  
COLINAS E OS NOMES DOS LUGARES  
NOS VALES TINHAM MUDADO.  
AGORA, NÃO RESTA QUALQUER VESTÍGIO  
DO QUE ACONTECEU HÁ TANTO TEMPO  
NAQUELE PONTO MAIS ELEVADO DOS CAMPOS.  
MAS O SEU NOME PERDUROU.  
CHAMAM-LHE...

**A PEDRA VIGILANTE.**

## CAPÍTULO 1

### UM SÉTIMO FILHO

Quando o Mago chegou, a luz começava já a diminuir. Fora um dia longo e duro e eu estava pronto para a ceia.

— Tem a certeza de que ele é um sétimo filho? — perguntou. Mirava-me de alto a baixo e abanava a cabeça, cheio de dúvidas.

O meu pai anuiu.

— E você também é um sétimo filho?

O meu pai voltou a anuir e começou a bater impacientemente com os pés, salpicando-me as calças de gotículas de lama e estrume. A chuva escorria-lhe pela pala do boné. Chovera durante a maior parte do mês. Havia folhas novas nas árvores, mas o tempo primaveril ainda tardava muito.

O meu pai era agricultor, tal como o pai dele também fora, e a primeira regra da agricultura é manter a terra unida. Não pode ser dividida pelos filhos, senão vai ficando mais pequena a cada geração, até não restar nada. Por isso, um pai deixa a quinta ao filho mais velho. Depois arranja ocupações para os restantes. Se possível, tenta encontrar um ofício para cada um.

Para tal, precisa de imensos favores. O ferreiro local é uma opção, em especial se a propriedade for grande e ele lhe tiver solicitado bastantes trabalhos. Então, é provável que o ferreiro ofereça um aprendizado, mas ainda só fica com um filho arrumado na vida.

Eu era o sétimo e, quando chegou a minha vez, tinham-se esgotado os favores. O meu pai estava tão desesperado que tentou mesmo convencer o Mago a aceitar-me como seu aprendiz. Ou, pelo menos, foi o que pensei na altura. Devia ter desconfiado que andava ali a mão da minha mãe.

Ela estava por detrás de imensas coisas. Muito antes de eu nascer, fora o dinheiro dela que comprara a nossa quinta. De que outra forma poderia um sétimo filho tê-la adquirido? E a minha mãe não era do Condado. Vinha de uma terra distante, do outro lado do mar. A maioria das pessoas não reparava mas, por vezes, se se escutasse com muita atenção, havia uma ligeira diferença na maneira como ela pronunciava certas palavras.

Mas não julguem que eu estava a ser vendido como escravo ou assim. Fosse como fosse, estava farto de agricultura e aquilo que chamavam «a vila» pouco mais era do que uma aldeola para lá do Sol posto. Não era certamente um lugar onde quisesse passar o resto da minha vida. Por isso, de certa forma, agradava-me bastante a ideia de ser Mago; era bem mais interessante do que ordenhar vacas ou estrumar a terra.

Mas sentia-me bastante nervoso, porque era um trabalho assustador. Iria aprender a proteger quintas e aldeias das coisas que andam por aí à noite. Lidar com fantasmas, demónios e todo o tipo de seres maléficos, tudo faria parte de uma rotina normal. Era o que o Mago fazia e eu ia ser seu aprendiz.

— Quantos anos tem ele? — perguntou o Mago.

— Fará treze em Agosto próximo.

— É um bocado baixo para a idade. Sabe ler e escrever?

— Sim — respondeu o meu pai. — Sabe ambas as coisas e também sabe grego. A minha mãe ensinou-lho e já o conseguia falar antes mesmo de andar.

O Mago anuiu e olhou para o caminho enlameado que se estendia do portão em direcção à casa da quinta, como se escutasse algo. Depois encolheu os ombros. — Já é uma vida bastante dura para um homem, quanto mais um rapaz — disse. — Acha que ele está à altura?

— Ele é forte e será tão grande quanto eu quando chegar à idade adulta — retorquiu o meu pai, endireitando as costas e erguendo-se em toda a sua altura. Mesmo assim, o cimo da sua cabeça ficava precisamente ao nível do queixo do Mago.

De repente, o Mago sorriu. Era a última coisa de que eu estava à espera. O seu rosto era grande e parecia ter sido esculpido em pedra. Até ali achara-o um bocado mal-encarado. A sua capa preta e comprida e o capuz faziam lembrar um padre mas, quando ele nos olhava directamente, a sua expressão sinistra fazia-o assemelhar-se mais a um carrasco a avaliar-nos por causa da corda.

O cabelo que aparecia sob a parte da frente do capuz condizia com a barba, que era grisalha, mas tinha sobrolhos pretos e muito espessos. Saíam-lhe também uns pêlos pretos das narinas, e os seus olhos eram verdes, a mesma cor dos meus.

Reparei então em algo mais nele. Trazia um bordão comprido. Claro que o vira mal ele aparecera, mas não me apercebera até àquele momento de que o segurava na mão esquerda.

Queria dizer que era esquerdino como eu?

Fora algo que me trouxera imensos problemas na escola da aldeia. Até tinham chamado o pároco local para me observar e ele abanara constantemente a cabeça e dissera-me que teria de contrariar o hábito antes que fosse tarde demais. Não percebi ao que se referia. Nenhum dos meus irmãos era esquerdino nem tão-pouco o meu pai. No entanto, a minha minha mãe é canhestra e isso nunca pareceu incomodá-la sobremaneira, por isso, quando o professor ameaçou fazer-me perder a mania à pancada e me amarrou a caneta à mão direita, ela tirou-me imediatamente da escola e daquele dia em diante ensinou-me em casa.

— Quanto quer para o aceitar? — perguntou o meu pai, interrompendo os meus pensamentos. Agora é que estávamos verdadeiramente a negociar.

— Dois guinéus por um mês, à experiência. Se ele tiver jeito, voltarei no Outono e ficará a dever-me outros dez. Se não, trago-lho de volta e será só mais um guinéu pelo incómodo que tive.

O meu pai voltou a anuir e o negócio fez-se. Fomos até ao celeiro e pagaram-se os guinéus, mas não houve aperto de mãos. Ninguém queria tocar num Mago. O meu pai era um homem corajoso, ao estar ali a menos de dois metros dele.

— Tenho um assunto a tratar aqui perto — referiu o Mago —, mas virei buscar o rapaz ao raiar do dia. Ele que esteja pronto. Não gosto que me deixem à espera.

Quando ele se foi, o meu pai bateu-me no ombro. — Agora é uma vida nova para ti, filho — disse-me. — Vai-te lavar. Acabou-se a agricultura para ti.

Quando entrei na cozinha, o meu irmão Jack envolvia a mulher Ellie com um braço e ela sorria-lhe.

Gosto imenso de Ellie. É calorosa e amiga de uma forma que sentimos que ela gosta realmente de nós. A minha mãe diz que foi bom para Jack casar com Ellie porque o ajudou a ficar menos agitado.

Jack é o mais velho e o maior de todos nós e, como o meu pai diz às vezes na brincadeira, o mais bem-parecido de um grupo feioso. É certo que ele é grande e forte, mas, apesar dos seus olhos azuis e sadias faces coradas, os seus sobrolhos farfalhudos quase se juntam ao meio, pelo que sempre discordei dessa opinião. Algo que nunca pus em causa é o facto de ter conseguido atrair uma mulher boa e bonita. Ellie tem o cabelo da cor da palha da melhor qualidade três dias após uma boa colheita e uma pele que brilha realmente à luz da vela.

— Vou-me embora amanhã de manhã — anunciei bruscamente.  
— O Mago vem-me buscar ao raiar do dia.

O rosto de Ellie iluminou-se. — Quer dizer que ele resolveu aceitar-te?

Anuí. — Vou estar um mês à experiência.

— Oh, muito bem, Tom! Fico realmente satisfeita por ti — disse ela.

— Não acredito! — zombou Jack. — Tu, aprendiz de um Mago! Como podes exercer semelhante ofício, se não consegues adormecer sem uma vela acesa?

Ri-me da piada dele, mas tinha razão. Às vezes via coisas no escuro e uma vela era a melhor maneira de as manter afastadas para poder dormir um pouco.

Jack veio direito a mim e, com uma gargalhada, prendeu-me a cabeça e começou a arrastar-me à volta da mesa da cozinha. Era a sua ideia de brincadeira. Ofereci apenas a resistência suficiente para o satisfazer e passados alguns segundos ele soltou-me e deu-me uma palmada nas costas.

— Muito bem, Tom — disse ele. — Vais fazer uma fortuna com esse ofício. No entanto, só há um problema...

— Qual é? — indaguei.

— Vais precisar de todos os cêntimos que ganhares. Sabes porquê? Encolhi os ombros.

— Porque os únicos amigos que vais ter serão aqueles que comprares!

Tentei sorrir, mas havia um grande fundo de verdade nas palavras de Jack. Um Mago trabalhava e vivia sozinho.

— Oh, Jack! Não sejas cruel! — admoestou Ellie.

— Foi só uma piada — replicou Jack, como se não compreendesse a razão de tanto desgosto de Ellie.

Mas Ellie olhava para mim e não para Jack e vi o seu rosto de repente esmorecer. — Oh, Tom! — lamentou-se. — Isto quer dizer que não estarás cá quando a bebé nascer...

Parecia realmente desapontada e fiquei triste por não ir estar em casa para ver a minha nova sobrinha. A minha mãe dissera que ia ser uma rapariga e ela nunca se enganava nestas coisas.

— Virei fazer uma visita assim que puder — prometi.

Ellie fez um esforço para sorrir, e Jack aproximou-se e apoiou o braço nos meus ombros. — Terás sempre a tua família — disse. — Estaremos sempre aqui, se precisares de nós.

Uma hora depois, sentei-me à mesa para jantar, sabendo que partiria de manhã. O meu pai deu graças como fazia todas as noites e todos nós murmurámos «Amém» excepto a minha mãe. Limitara-se a olhar para a comida como sempre, esperando educadamente até terminar. Quando a prece acabou, a minha mãe esboçou-me um pequeno sorriso. Foi um sorriso caloroso e especial e não creio que mais alguém se tivesse apercebido. Fez-me sentir melhor.

O fogo continuava aceso na lareira, enchendo a cozinha de calor. No centro da nossa grande mesa de madeira estava um candelabro de latão, que fora polido até se conseguir ver nele o rosto. Era uma vela cara, feita de cera de abelha, mas a minha mãe não permitia sebo na cozinha, por causa do cheiro. O meu pai tomava a maior parte das decisões sobre a quinta, mas em algumas coisas ela levava a sua por diante.

Quando atacámos os nossos pratalhões de guisado fumegante, ocorreu-me que o meu pai parecia envelhecido naquela noite — envelhecido e cansado — e havia uma expressão que se estampava no seu rosto de tempos a tempos, uma pontinha de tristeza. Mas animou-se um pouco quando começou a trocar impressões com Jack sobre o preço da carne de porco e se era ou não o momento certo para chamar o matador de porcos.

— É melhor esperarmos mais um mês ou dois — afirmou o meu pai. — De certeza que o preço vai subir.

Jack abanou a cabeça e começaram a discutir. Era uma discussão amigável, daquelas que as famílias têm com frequência, e podia dizer-se que o meu pai estava a gostar. No entanto, eu não participei. Tudo aquilo chegara ao fim para mim. Como dissera o meu pai, acabara-se a agricultura para mim.

A minha mãe e Ellie riam baixinho. Tentei escutar o que diziam, mas entretanto Jack estava todo entusiasmado, a sua voz subindo cada vez mais de tom. Quando a minha mãe olhou para ele, vi que estava saturada do barulho que ele fazia.

Ignorando os olhares da minha mãe e continuando a discutir sonoramente, Jack estendeu a mão para o saleiro e, sem querer, derrubou-o, entornando um pequeno cone de sal no tampo da mesa. Logo de seguida, pegou numa pitada e atirou-a por cima do ombro esquerdo. É uma velha superstição do Condado. Com este gesto, estaremos a afastar o azar adveniente do seu derramamento.

— Jack, a verdade é que nem precisas de pôr sal — ralhou a minha mãe. — Estraga um bom guisado e é um insulto à cozinheira!

— Desculpe, mãe — justificou-se Jack. — Tem razão. Assim está perfeito.

Ela sorriu-lhe, depois indicou-me com um gesto da cabeça. — E depois, ninguém está a dar atenção ao Tom. Não deve ser tratado assim na sua última noite em casa.

— Eu estou bem, mãe — asseverei-lhe. — Já me satisfaz estar aqui sentado a ouvir.

A minha mãe anuiu. — Bem, tenho algumas coisas a dizer-te. Depois da ceia deixa-te ficar na cozinha para termos uma conversinha.

Assim, depois de Jack, Ellie e o meu pai se terem ido deitar, sentei-me numa cadeira junto à lareira e aguardei pacientemente para ouvir o que a minha mãe tinha a dizer.

A minha mãe não era mulher de grandes espalhafatos; a princípio não disse muito, para além de explicar o que estava a preparar para eu levar: um par de calças de reserva, três camisas e dois pares de meias boas que só tinham sido cerzidas uma vez cada.

Olhei para as cinzas da lareira batendo com os pés nas lajes, enquanto a minha mãe se levantava da cadeira de baloiço e a posicionava de modo a ficar mesmo de frente para mim. O seu cabelo preto apresentava alguns fios brancos mas, para além disso, parecia-me praticamente igual a quando eu começara a dar os primeiros passos, mal lhe chegando aos joelhos. Os seus olhos continuavam brilhantes e, à excepção da pele pálida, parecia vender saúde.

— Esta é a última vez que vamos poder conversar um bocado — disse ela. — É um grande passo sair de casa e iniciar uma vida nova. Por isso, se quiseres dizer alguma coisa, se precisares de perguntar alguma coisa, agora é o momento para o fazeres.

Não me ocorreu uma só pergunta. Na verdade, não conseguia sequer pensar. Só de a ouvir dizer tudo aquilo, senti as lágrimas começarem a atormentar-me os olhos.

O silêncio continuou durante um bom bocado. Apenas se ouvia o ruído dos meus pés nas lajes. Por fim, a minha mãe soltou um pequeno suspiro. — O que se passa? — perguntou-me. — O gato comeu-te a língua?

Encolhi os ombros.

— Pára com esse desassossego, Tom, e concentra-te no que te estou a dizer — advertiu a minha mãe. — Em primeiro lugar, estás ansioso por que chegue o dia de amanhã, para começares a aprender o teu novo ofício?

— Não tenho a certeza, mãe — disse-lhe, recordando a piada de Jack a respeito de ter de comprar os amigos. — Ninguém se quer aproximar de um Mago. Não terei amigos. Estarei sozinho o tempo todo.

— Não será tão mau quanto julgas — redarguiu a minha mãe. — Terás o teu mestre com quem conversar. Ele será o teu professor, e sem dúvida acabará por se tornar teu amigo. E estarás ocupado o tempo todo. Ocupado a aprender coisas novas. Não terás tempo para te sentir sozinho. Não achas toda esta novidade entusiasmante?

— Entusiasmante é, mas o ofício assusta-me. Quero segui-lo, mas não sei se sou capaz. Uma parte de mim quer viajar e conhecer outros lugares, mas será difícil deixar de viver aqui. Vou sentir saudades de todos. Vou sentir a falta de estar em casa.

— Não podes ficar aqui — referiu a minha mãe. — O teu pai está velho demais para trabalhar e no próximo Inverno vai entregar a quinta ao Jack. Ellie terá o bebé em breve, sem dúvida o primeiro de muitos; acabará por não haver espaço para ti, aqui. Não, o melhor é acostumares-te antes que isso aconteça. Não podes voltar para casa.

A voz dela pareceu fria e um pouco sacudida, mas, ao ouvi-la falar comigo daquela maneira, senti subitamente uma dor profunda no peito e na garganta, a ponto de mal conseguir respirar.

Só me apeteceu ir para a cama, mas ela tinha muito que dizer. Raramente a ouvira usar tantas palavras de uma só vez.

— Tens um trabalho a fazer e vais fazê-lo — disse-me em tom austero. — E não é só fazê-lo; é fazê-lo bem. Casei com o teu pai porque ele era um sétimo filho. E dei-lhe seis filhos para te poder ter. Tu és sete vezes sete e possuis o dom. O teu novo mestre ainda é forte, mas já não é o que era e um dia vai finalmente chegar a sua hora.

— Há quase sessenta anos que percorre as linhas do Condado a cumprir o seu dever. A fazer o que tem de ser feito. Em breve será a tua vez. E, se não o fizeres, quem o fará? Quem olhará pela gente comum? Quem a protegerá do mal? Quem tornará as quintas, aldeias e vilas seguras, para que as mulheres e as crianças possam andar nas ruas e veredas sem receio?

Não soube o que dizer e não consegui olhá-la nos olhos. Esforcei-me apenas por reprimir as lágrimas.

— Gosto muito de todos nesta casa — prosseguiu ela, a voz agora mais branda — mas, em todo o Condado, tu és a única pessoa realmente como eu. E, no entanto, não passas de um rapaz que ainda tem imenso que crescer, mas és o sétimo filho de um sétimo filho. Possuis o dom e a força para fazer o que tem de ser feito. Sei que me vais encher de orgulho.

— Ora ainda bem — concluiu a minha mãe, pondo-se em pé — que resolvemos isto. Agora vais-te deitar. Amanhã é um grande dia e quero que estejas no teu melhor.

Levei um abraço e um sorriso caloroso e esforcei-me realmente por me mostrar animado e retribuir o sorriso, mas, assim que cheguei ao meu quarto, sentei-me na beira da cama, de olhar vago e a pensar no que a minha mãe me dissera.

A minha mãe é muito respeitada na vizinhança. Sabe mais de plantas e mezinhas do que o médico local, e quando há dificuldade em fazer nascer um bebé, a parteira manda-a sempre chamar. A minha mãe é perita no que ela chama partos pélvicos. Às vezes, um bebé tenta nascer com os pés para a frente, mas a minha mãe sabe virá-lo enquanto ainda está na barriga. Há dúzias de mulheres no Condado lhe devem a vida.

Pelo menos era o que o meu pai estava sempre a dizer, mas a minha mãe era modesta e nunca mencionava semelhantes coisas. Limitava-se a fazer o que era preciso e eu sabia que ela esperava o mesmo de mim. Por isso queria enchê-la de orgulho.

Mas era mesmo verdade que só se casara com o meu pai e tivera os meus seis irmãos para me poder dar à luz? Não parecia possível.

Depois de pensar muito bem em tudo, fui até à janela virada a norte e sentei-me na velha cadeira de verga durante alguns minutos, a olhar lá para fora.

A lua brilhava, banhando tudo com a sua luz prateada. Conseguia ver para lá do pátio da quinta, os dois campos de feno e a pastagem norte, e mesmo até ao limite da nossa quinta, que terminava a meio

da Colina do Carrasco. Gostava da paisagem. Gostava da Colina do Carrasco ao longe. Gostava que fosse a coisa mais distante que se conseguia avistar.

Durante anos, fizera isto antes de subir para a cama, todas as noites. Costumava olhar para aquela colina e imaginar o que haveria do outro lado. Na realidade, sabia que eram apenas mais campos e a seguir, três quilómetros mais adiante, o que era considerado a aldeia local — meia dúzia de casas, uma pequena igreja e uma escola ainda mais pequena —, mas a minha imaginação criava outras coisas. Às vezes imaginava penhascos altos com um oceano do outro lado, ou quem sabe uma floresta ou uma grande cidade com torres altas e luzes a cintilar.

Mas agora, ao contemplar a colina, recordei também o meu medo. Sim, era bonita, vista de longe, mas não era um local de que eu me quisesse aproximar. A Colina do Carrasco, como terão já adivinhado, não obtivera o seu nome em vão.

Três gerações antes, grassara uma guerra por toda a terra e os homens do Condado tinham participado nela. Fora a pior de todas as guerras — uma guerra civil amarga em que as famílias haviam ficado divididas e em que, por vezes, irmão chegara a lutar contra irmão.

No último Inverno da guerra, houvera uma grande batalha cerca de quilómetro e meio a norte, precisamente nos arredores da aldeia. Quando finalmente terminou, o exército vitorioso trouxe os prisioneiros até esta colina e enforcou-os nas árvores da vertente setentrional. Enforcaram igualmente alguns dos seus homens, invocando actos de cobardia perante o inimigo, mas circulava outra versão daquela história. Diziam que alguns destes homens se tinham recusado a lutar contra pessoas que consideravam seus vizinhos.

Nem mesmo Jack gostava de trabalhar perto da vedação limítrofe, e os cães não queriam avançar mais de alguns passos na mata. Quanto a mim, em virtude de conseguir sentir coisas que os outros não sentem, não era sequer capaz de trabalhar na pastagem norte. Sabem, é que eu ouvia-os dali. Ouvia as cordas a chiar e os ramos a gemer sob o peso deles. Ouvia os mortos a serem estrangulados e a sufocarem do outro lado da colina.

A minha mãe dizia que éramos iguais. Bem, ela era sem dúvida igual a mim num aspecto: eu sabia que ela também via coisas que os outros não conseguiam ver. Um Inverno, era eu muito jovem e todos os meus irmãos viviam em casa, os ruídos na colina eram tão fortes à noite que até os ouvia do meu quarto. Os meus irmãos não davam por

nada, mas eu sim, e não conseguia dormir. A minha mãe vinha ao meu quarto sempre que eu chamava, apesar de ter de se levantar ao raiar do dia para efectuar as tarefas domésticas.

Por fim, disse que ia resolver o assunto e, uma noite, subiu sozinha à Colina do Carrasco e foi até junto das árvores. Quando regressou, estava tudo calmo e assim se mantinha ainda passados meses.

Por isso, havia um aspecto em que divergíamos.

A minha mãe era muito mais corajosa do que eu.